

J. A. GAIARSA

AMORES PERFEITOS



AMORES PERFEITOS

Copyright © 1994, 2004, 2013 by J. A. Gaiarsa
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Saete Del Guerra**

Capa: **Marianne Lépine**

Foto de capa: **Stefan Patay**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Esclarecimento

Este livro é uma transcrição revista de quatro palestras que fiz em Brasília, sob o mesmo título.

Algumas liberdades apresentadas no texto serão relevadas e compreendidas, sabendo-se que o principal foi originalmente falado – não escrito.

Há muito tempo não me preocupava tanto com uma palestra quanto dessa vez, ao realizar um antigo sonho. Recordando fatos, acho que esse sonho começou na adolescência, foi se desenvolvendo devagar ao longo da vida, da profissão, de leituras, congressos, da prática de sentimentos e de relacionamentos pessoais.

Espero que ao longo desta leitura vocês experimentem e sintam a mesma beleza que encontro no amadurecimento das ideias ora propostas.

Vocês sabem que Brasília está envolvida num certo halo místico-esotérico.



A ideia do “amor perfeito” não tinha nada de improvisado, mas desenvolvê-la em público, em Brasília, foi uma decisão súbita, surpreendente até mesmo para mim. Como se verá, este livro propõe uma nova forma de cooperação e união entre os seres humanos. Por isso, talvez, esta exposição tenha sido feita em Brasília! Sincronismo!

Nunca havia feito palestra nem curso com este título: amores perfeitos. Muita gente me conhece da televisão, de livros, e deve saber que minha especialidade é falar mal da família – principalmente das mães. Vamos mostrar, ao lado de muitos outros fatos, de quantos modos a família torna difícil ou impossível a felicidade amorosa.

SUMÁRIO

O mapa da mina e o tesouro escondido.....	9
1 As duas espécies de amor.....	15
2 A família × Contato amoroso.....	31
3 Lidando com os preconceitos.....	71
4 Amor e desenvolvimento pessoal.....	119
5 A busca do estado amoroso.....	137
6 A solução está em “nós”.....	189
Referências bibliográficas.....	215

O MAPA DA MINA E O TESOURO ESCONDIDO

O tesouro contido neste livro pode permanecer escondido porque o texto resultou de várias conferências; portanto, ele não foi escrito, mas falado, e, como fico muito ligado ao público, seguia um caminho tortuoso ao longo do mapa, conforme a reação da plateia.

Aceitamos comentários e perguntas do público após cada uma das três palestras. De um lado, foi bom, trazendo as grandes teses para o concreto e o prático; de outro, resultaram mais desvios em relação ao caminho do tesouro.

Cada um dos grandes apoios para a tese central envolve argumentação variada, de bactérias a chimpanzés, de opressão a simbiose.

Por isso apresentamos aqui um resumo bem compacto da tese central que é, ao mesmo tempo, nosso ato de fé e de esperança em um mundo melhor.

NÃO É MAIS TEMPO DE SE REPRODUZIR

A bomba populacional está se mostrando mais destrutiva do que a termonuclear. No exame da história das guerras aponta-se um motivo compreensível para elas, quase legítimo. Fator poderoso a sustentar essa loucura destrutiva da humanidade sempre foi a carência alimentar.

Como todas as espécies viventes, também a nossa, ao encontrar ambiente favorável (alimentação abundante), intensifica sua reprodução até saturar a região. A escassez de recursos produz inquietação do povo e esse fator reforça a megalomania dos poderosos. Toda guerra é um assalto coletivo.

ATÉ HOJE VIVEMOS EM REGIMES SOCIOECONÔMICOS DE CARÊNCIA, E POR ISSO DE OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO

Diante da falta do essencial, as pessoas se inquietam e surge o risco da guerra de todos contra todos. Nesse clima, a SEGURANÇA se torna o sonho coletivo, e ninguém se pergunta seu custo em termos de realização pessoal, felicidade amorosa e solidariedade humana. Todos os impérios surgiram daí: melhor um poderoso, por mais louco que seja, do que cada um contra todos e todos contra cada um!

O microefeito dessa mesma situação foi a instituição da família, quase sempre tida – ou exigida – como monogâmica, não obstante a experiência universal das relações extraconjugais e da prostituição.

A monogamia assegura a posse continuada dos bens. O matrimônio é a garantia do patrimônio. A família não se constituiu nem para a felicidade nem para a realização pessoal.

Enfim, para surpresa de muitos, a família está longe de ser o melhor ambiente e a melhor influência na educação/formação da criança. Ela também se subordina à segurança e se põe sempre a favor do sistema vigente, fazendo-se a primeira e a mais fundamental instância repressora – a fim de preparar o cidadão para o mundo que está aí; de novo, com pouco respeito pelo amor individual e pelo desenvolvimento global da criança.

Pouco respeito, enfim, pela solidariedade humana; “os meus” são quase tudo e “os outros” – ora, os outros... Paradoxo: NADA se opõe mais à solidariedade humana do que a família.

PARA MUITOS, HOJE, ESSA SITUAÇÃO NÃO EXISTE MAIS. MEU LIVRO É PARA ESSES

Quem ou quais muitos? Para todos os que estão no quarto superior em matéria de pirâmide social, os que gozam de evidentes vantagens e benefícios e ultrapassaram as carências básicas. São os privilegiados, seja do primeiro, seja do segundo mundo.

É deles que nascem as novas direções da humanidade.

O EXCEDENTE SEXUAL

Basta lembrar o número de espermatozoides por ejaculação e o número de neonatos comparado com o número de relações sexuais para se dar conta desse excedente. Foi daí, aliás, que surgiu a intuição básica do tesouro. Este livro permaneceu muitos anos em minha mente sob o título de *Funções não reprodutoras da sexualidade*. Esse excedente não poderia ser reaproveitado em outra função? Estaria a natureza “pensando” em algo parecido? Aqui temos a energia necessária ao processo. Notar que já existem numerosos indícios de algo parecido, como se mostra no livro. Em geral, quanto mais diferenciado o grupo animal, maior a proximidade permanente entre machos e fêmeas – independentemente do cio; além disso, multiplicação dos períodos e das variedades de carícias e contatos entre os animais do mesmo bando, assim como muita proximidade, durante muito tempo, entre filhotes e mães. O sexo, mesmo entre os primatas, parece estar de algum modo se sublimando em contato carinhoso, carícia, aconchego e prazer.

As vantagens? Muita solidariedade dos elementos do bando e alta disposição para a cooperação, além de redução da agressividade entre eles. O melhor cimento social é o prazer fácil – e, apesar disso, profundo – entre os indivíduos dos grupos sociais.

HÁ NUMEROSOS ELEMENTOS FAVORÁVEIS A UMA DISTINÇÃO ENTRE DOIS AMORES, O DE FAMÍLIA (REPRODUÇÃO) E O DE TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E SIMBIOSE SOCIAL

Esse é um dos pontos mais fortes do livro, que expõe um cortejo de fatos a favor da tese. Em detalhe discutem-se também, ao mesmo tempo, a posição relativa entre os dois amores e as péssimas consequências da mistura de ambos. São tão graúdos e poderosos os preconceitos sobre a família que poucos percebem até que ponto ela é contrária ao desenvolvimento humano, à educação de nossos filhos, ao desenvolvimento pessoal – à nossa humanização. Só o amor pode nos humanizar,

e a família é o principal obstáculo à expansão do amor entre as pessoas. Essência do delírio familiar da sociedade: qualquer um pode ser tudo para o outro, a vida toda, todos os dias da vida, todas as horas do dia... Vivemos falando de amor, mas há muito pouco amor entre as pessoas. Por quê? Porque o amor é o fim da dominação e da opressão, é o grande nivelador da pirâmide de poder. Duas pessoas em envolvimento amoroso não têm “posição” social, profissional, econômica ou qualquer outra. Separação igualmente importante que procuramos estabelecer é entre sexualidade e contato/carícia. São duas formas de amor bem distintas, que se fizeram de forma preconceituosa uma só – a fim de impedir a solidariedade. Para o bárbaro preconceituoso que nos habita, se se entra em contato ou se se faz uma carícia, só pode ser para daí a pouco manter relações sexuais. Há fatos numerosos mostrando que contato e sexualidade são dois universos distintos, ambos legítimos, cada um com funções próprias.

SOLIDARIEDADE, COOPERAÇÃO E SIMBIOSE AMOROSA

A meu ver, esse é o ponto mais alto do livro. Mostramos com riqueza de fatos e argumentos, próprios e alheios, quanto o homem é senhor da Terra por sua capacidade dupla de fazer trocas e cooperar. Mesmo cooperando à força e sob a ameaça permanente de espancamento ou morte, mesmo assim fizemos, JUNTOS, coisas espantosas e maravilhosas – de uma pirâmide até um grande jato intercontinental. Contra a famosa e competitiva “sobrevivência (e reprodução) do mais apto”, a nossa biologia levanta outro estandarte: a poderosa força da simbiose, muito mais eficiente do que a competição. Para sustentar essa força poderosa, a natureza elaborou o estado amoroso, o encantamento e a magia do amor entre dois ou mais seres humanos. Nada pode nos solidarizar mais do que experimentar com muitas pessoas este estado divino – no entanto, tão malfalado. Porque ele destrói o poder e a segurança; a segurança do sempre igual, de todos iguais, da eterna repetição de nossa eterna desgraça.

Convicção e temor primário expressos nestas páginas: ou aprendemos a nos amar, ou seremos a mais original das espécies viventes, uma espécie suicida, autodestrutiva.

Já avançamos bastante nessa direção, com o crescimento da miséria, da poluição, da produção descontrolada de armas e da falta de solidariedade entre as pessoas e os países.

Em dez mil anos de história nunca houve um ano de paz na Terra!
Haverá, um dia?

A ideia central é esta: existem dois grupos de sentimentos chamados amor. Um tipo teria o nome de amor familiar, o necessário para a reprodução, para o cuidado com a prole, para a continuação da espécie.

O outro amor foi feito para estimular a vitalidade, orientar e organizar o desenvolvimento das pessoas e amorificar laços sociais.

Até hoje temos feito confusão e pressão para fazer dos dois uma coisa só. Amor é um só. E amor potencialmente é sempre família, mesmo que não chegue lá. Quando não chega lá, as mães – e o povo – dizem: “Namorou durante três anos e não deu certo”, isto é, não deu casamento. Esses dois amores sempre estiveram bem “misturados” na cabeça e no coração das pessoas; no entanto, se passarmos em revista fatos familiares da história, veremos que a divisão aqui proposta existiu desde sempre.

IGREJA E SEXO

É interessante lembrar o que ocorre na Igreja Católica, talvez a mais rigorosa, a mais moralista. Basta lembrar dos sermões de muitos papas que condenam os métodos anticoncepcionais e o aborto. Alguns deles quiseram ver de perto a desgraça do mundo – não há como negar –, mas parecem não ter se dado conta de estar pregando a continuação interminável dessa desgraça ao fazer todo o possível para que nossa reprodução continue tão descontrolada e irresponsável como foi até hoje. No entanto, a própria Igreja Católica separava, antigamente, pecados “da carne” em mortais e veniais. Se você for casado e não

impedir a reprodução, não há pecado; mas, se você impede a reprodução, aí é um pecado mortal. A Igreja, que defendia incisivamente a reprodução, aceitava a sexualidade não reprodutora, que existiria também para amenizar a famosa “concupiscência da carne” – palavras estranhíssimas para nós, hoje em dia. A concupiscência da carne nada mais é que a inquietude da contenção sexual.

Então, a própria Igreja via bem os dois aspectos: o básico é a reprodução, se quiser outras coisas nesse sentido, pode, contanto que não impeça a reprodução.

DEUSES E DEUSAS

Para os gregos e romanos era muito nítida essa divisão do amor entre as deusas. Ceres era a deusa da fecundidade. Hera, da família – deusa das mães. Vênus, que não era nada séria, era “a outra” da mitologia grega, idealizada para a comunicação, o envolvimento, a comunhão e o prazer amoroso.

Onde mais vamos notar tais diferenças entre formas de amor?

Na Grécia e no Japão encontramos duas categorias de prostitutas, uma para alívio sexual imediato (a tal concupiscência da carne) e outra, as heteras, na Grécia, e as gueixas, no Japão. Essas eram mulheres preparadas para ser companhia aprazível e culta; cantavam, dançavam, recitavam, contavam histórias – não correspondiam de forma alguma à nossa noção de prostituta. Eram mulheres com as quais se poderia ter muito prazer, sensual e espiritual.

Mas a família japonesa era um bloco de pedra. Outro dado a favor da minha proposta: a infidelidade existe – em abundância! – em todas as sociedades nas quais se tem a monogamia como “o certo”, “é assim que deve ser”. As leis favorecem isso, leis que garantem bem mais a continuidade da herança e do poder que a felicidade amorosa.

Defendem o patrimônio, e não o matrimônio! Mesmo quando havia penalidades severíssimas contra relações extraconjugais, estas continuavam a existir. Aliás, se deixassem de existir, dois terços de todos os romances e novelas não seriam mais escritos – seriam vividos! Então,